



INCLUSÃO, INTERSECCIONALIDADE E MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA: O QUE DIZEM AS PESQUISAS?

INCLUSION, INTERSECTIONALITY AND SOCIAL MARKERS OF DIFFERENCE: WHAT DOES THE RESEARCH SAY?

INCLUSIÓN, INTERSECCIONALIDAD Y MARCADORES SOCIALES DE DIFERENCIA: ¿QUÉ DICE LA INVESTIGACIÓN?

Michele Pereira de Souza da Fonseca


<http://orcid.org/0000-0003-0355-2524> 


<http://lattes.cnpq.br/3628782671116228> 

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

michelepsf22@gmail.com

Maria Luíza Mendes Santos


<https://orcid.org/0000-0003-3279-1305> 


<http://lattes.cnpq.br/0974345451780658> 

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

professora.marialuizamendes@gmail.com

Samara Silva


<https://orcid.org/0000-0002-6317-9015> 


<http://lattes.cnpq.br/2716189070609646> 

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

samara.ufrj@gmail.com

Monique Corte

<https://orcid.org/0009-0008-0768-5002> 

<http://lattes.cnpq.br/8965511130929153> 

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

moniquecorte@gmail.com

Resumo

Neste artigo objetivamos mapear as produções que articulam inclusão, interseccionalidade e marcadores sociais da diferença e quais ênfases apresentam, especialmente na área da Educação Física, porém nos permitimos olhar também para quais outras áreas têm se preocupado com essas relações em suas pesquisas. As buscas foram feitas no *Scielo* por congregar artigos de diferentes revistas em circulação, propondo assim, um Estado do Conhecimento (Santos, *et al.*, 2020) ao optarmos por uma análise detalhada em um setor de publicações. De 46 produções encontradas, diversos marcadores sociais da diferença aparecem em interseção, mas sobretudo, notamos ênfases em gênero, raça e classe e pouca presença das questões vinculadas à deficiência. Na Educação Física essa discussão tem crescido nos últimos anos, mas ainda é pequena. Essas produções, apesar de pouco para um recorte de 10 anos em uma base de dados, representam um número importante por demonstrar preocupação com um tema candente socialmente.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Inclusão; Educação Física; Marcadores Sociais da Diferença.

Abstract

In this article we aim to map the productions that articulate inclusion, intersectionality and social markers of difference and what emphases they have, especially in the area of Physical Education, but we also allow ourselves to look at which other areas have been concerned with these relationships in their research. The searches were



carried out on *Scielo* because it brings articles from different journals in circulation, thus proposing a State of Knowledge (Santos *et al.*, 2020). Of the 46 productions found, several social markers of difference appear at the intersection, but above all, we noticed an emphasis on gender, race and class and little presence of issues linked to disability. In Physical Education, this discussion has grown in recent years, but it is still small. These productions, although small for a 10-year period in a database, represent an important number because they show concern for a socially burning issue.

Keywords: Intersectionality; Inclusion; Physical Education; Social Markers of Difference.

Resumen

En este artículo pretendemos mapear las producciones que articulan inclusión, interseccionalidad y marcadores sociales de diferencia y qué énfasis tienen, especialmente en el área de Educación Física, pero también nos permitimos mirar qué otras áreas se han preocupado por estas relaciones en sus investigaciones. Las búsquedas se realizaron en *Scielo* porque reúne artículos de diferentes revistas en circulación, proponiendo así un Estado del Conocimiento (Santos *et al.*, 2020). De los 46 artículos encontrados, varios marcadores sociales de diferencia aparecen en la intersección, pero sobre todo, notamos un énfasis en género, raza y clase y poca presencia de cuestiones vinculadas a la discapacidad. En Educación Física, este debate ha crecido en los últimos años, pero sigue siendo reducido. Estas producciones, aunque pequeñas para un período de 10 años en una base de datos, representan un número importante porque muestran la preocupación por un tema socialmente candente.

Palabras clave: Interseccionalidad; Inclusión; Educación Física; Marcadores Sociales de Diferencia.

INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre as exclusões de toda ordem que se sucedem nas relações cotidianas, nos movemos a problematizar maneiras de se contrapor às situações excludentes. Para tal, compreendemos a inclusão como um conceito amplo, processual, infundável e dialético em relação à exclusão, articulando contribuições de autores e autoras que aproximamos a essas discussões em conjunto (Sawaia, 2022; Booth; Ainscow, 2012; Santos, Fonseca; Melo, 2009).

É dialético, pois como Sawaia (2022) aponta, não há inclusão e exclusão como dois espaços distintos e incompatíveis. A lógica dialética se opõe à ideia de inclusão como normatização ou adaptação e ressalta a reversibilidade nesses processos dinâmicos porque compreende as exclusões como produto do sistema. É, portanto, processual e infundável na tentativa de reverter as situações excludentes que emergem da sociedade e que também se apresentam na escola, pois o conceito de inclusão passa a ser compreendido “não como um lugar fixo a se chegar, mas como uma construção coletiva [...] justo porque vivemos em um modelo de sociedade que ainda não permite que a inclusão impere o tempo todo. É uma luta cotidiana” (Fonseca, 2023, p. 7).

Esse conceito é amplo, pois não nos restringimos a pensar sobre um grupo social historicamente excluído, mas sim sobre todas as pessoas compostas por marcadores sociais da diferença como deficiência, gênero, sexualidade, etnia, classe social, aspectos geracionais, nacionalidades, religiosidades, dentre outros. Para Zamboni (2014, p. 13), “marcadores sociais





da diferença são sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais” e estão imbricadas de relações de poder, portanto, em disputa. Tais marcadores que nos atravessam, se apresentam de modo interseccional, pois como Collins e Bilge (2021, p. 17) afirmam “são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas”.

Kyrillos (2020, p. 1) afirma que interseccionalidade é um conceito que tem ganhado notoriedade no meio acadêmico e ressalta a importância “da ruptura com uma visão monolítica de análise” e a popularização da discussão que abarque outras categorias. Ao apresentar uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade, ela destaca que “foi Kimberlé Crenshaw, jurista estadunidense, quem a nomeou em 1989 e quem, posteriormente, desenvolveu algumas das mais importantes elaborações teóricas sobre esse conceito”. Porém, a citada autora demonstra sua preocupação com “o apagamento da história e dos debates teóricos que existiam antes da interseccionalidade ser nomeada por Crenshaw” (Kyrillos, 2020, p. 2), apontando que o que agrava sobremaneira a questão é quando há a invisibilidade da origem do termo, que “está relacionada com as lutas sociais e as elaborações teóricas de mulheres negras (Kyrillos, 2020, p. 2)”. Neste artigo, respeitamos e valorizamos a origem do termo e dialogamos com Collins e Bilge (2021) para considerar a interseccionalidade sobretudo como uma ferramenta analítica, como investigação e práxis críticas pela qual se pode compreender a complexidade nas relações das experiências humanas atravessadas simultaneamente por diversas categorias que se sobrepõem e se manifestam de forma a afetar todos os aspectos da convivência em sociedade.

Apoiamos-nos também em Candau (2020) para compreender as diferenças como uma vantagem pedagógica e não como sinônimo de desigualdade, porém a autora também reconhece, a partir das pesquisas que tem desenvolvido junto a docentes, que este não é um termo amplamente compreendido nesse sentido, pois ainda “é frequentemente associado a um problema a ser resolvido, à deficiência, ao déficit cultural e à desigualdade”(Candau, 2020, p. 39).

Com isso, nos inquietamos a refletir sobre os processos inclusivos/excludentes no âmbito educacional, especificamente na Educação Física escolar, posto que reconhecemos que as influências higienistas e eugênicas nessa área (Castellani Filho, 1991) deixaram marcas excludentes na Educação Física escolar (Fonseca, 2021), em que pese as ressignificações





promovidas por importantes autores(as) do campo desde a década de 1990 (Soares *et al.*, 1992; Kunz, 1991; Neira; Nunes, 2018; Maldonado; Prodócimo, 2022).

Impulsionado por essas elaborações, o Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Inclusão e Diferenças na Educação Física Escolar (LEPIDEFE), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) tem refletido sobre as articulações entre inclusão, interseccionalidade e marcadores sociais da diferença operacionalizadas nas ações de ensino, pesquisa e extensão que realiza. Neste artigo, objetivamos mapear as produções que articulam esses conceitos e quais ênfases apresentam, especificamente na área da Educação Física.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é uma revisão sistemática que se apresenta como uma pesquisa qualitativa. Para Martins (2004, p. 292), trabalhar qualitativamente consiste em uma “análise de microprocessos através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade [...]”.

Nesse sentido, a prioridade é compreender o panorama das produções científicas que congregam articulações entre os termos inclusão, interseccionalidade e marcadores sociais da diferença, porém, em busca de contemplar mais trabalhos afins nesses campos, foram utilizados alguns termos que se aproximam de “marcadores sociais da diferença”, como “diferença”, “diferenças” e “diversidade”. Nas combinações de palavras-chaves, também inserimos Educação Física para ter um panorama dessa área especificamente, como nosso campo de atuação. Concordamos com Miskolci (2016) e Brah (2006) que diversidade e diferença não são termos sinônimos, porém utilizamos também diversidade na busca com a intenção de abarcar pesquisas que se aproximem da temática, considerando a pluralidade de modos de ser e estar no mundo.

Com esse objetivo, temos organizado investigações mais ampliadas em outras bases de dados, porém, nesse recorte, as buscas foram feitas no *Scielo* por congregar artigos de diferentes e relevantes revistas em circulação, propondo assim, um Estado do Conhecimento (Santos *et al.*, 2020) ao optarmos por uma análise detalhada em um setor de publicações. Como critérios de elegibilidade, foram selecionados artigos completos, em português e publicados entre os anos 2013-2023.





Dessa forma, conforme expressa na Quadro 1, foram realizadas articulações entre as palavras-chaves, evidenciando os trabalhos encontrados na base de dados em cada momento da busca:

Quadro 1 – As articulações entre as palavras-chave e artigos encontrados

Palavras-chaves articuladas	Artigos encontrados	Artigos repetidos
Educação Física; interseccionalidade; inclusão; diferença	0	0
Educação Física; interseccionalidade; inclusão; diferenças	0	0
Educação Física; interseccionalidade; inclusão; marcadores sociais da diferença	0	0
Educação Física; interseccionalidade; inclusão; diversidade	0	0
Educação Física; interseccionalidade; diferença	0	0
Educação Física; interseccionalidade; diferenças	1	0
Educação Física; interseccionalidade; marcadores sociais da diferença	0	0
Educação Física; interseccionalidade; diversidade	0	0
Educação Física; inclusão; interseccionalidade	0	0
Educação Física; interseccionalidade	5	1
Interseccionalidade; inclusão; diferença	1	0
Interseccionalidade; inclusão; diferenças	2	0
Interseccionalidade; inclusão; marcadores sociais da diferença	1	1
Interseccionalidade; inclusão; diversidade	2	0
Interseccionalidade; inclusão	12	5
Interseccionalidade; diferença	25	0
Interseccionalidade; diferenças	17	7
Interseccionalidade; marcadores sociais da diferença	13	11
Interseccionalidade; diversidade	11	4
Total	90	29

Fonte: construção das autoras.

Durante a leitura dos artigos encontrados, 13 não foram considerados, pois 9 estavam em outros idiomas que não o português, 3 foram publicados antes de 2013 e 1 foi publicado em 2024. Dessa forma, dos 90 artigos encontrados, ao retirar-se os 13 que não contemplavam o critério de elegibilidade e os que apareceram mais de uma vez, foram identificados 46 artigos para leitura atenta para análise dos dados.

DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, para uma análise detalhada dos artigos encontrados, estes foram divididos em quatro categorias de acordo com a principal área de enfoque. A primeira reúne 5 artigos que dialogam com a Educação Física, a segunda contém 11 artigos com a temática da saúde, a terceira 6 artigos com a área da Educação e por fim, a quarta abrange 24 artigos





que não são específicos de nenhuma dessas três outras áreas. No quadro 2, a seguir foram identificados os artigos que se aproximavam da temática da Educação Física:

Quadro 2 – Educação Física

Nome	Autores(as)	Ano	Revista
Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar	Auad e Corsino	2018	Revista Estudos Feministas
"Prendam suas bezerras que o meu garrote está solto!" Interseccionando gênero, sexualidade e lugar nos modos de subjetivação regionais	Dornelles e Pocahy	2014	Educar em Revista
Transidentidades para uma Educação Física acolhedora	Gonçalves e Silva	2021	Movimento
Desigualdades interseccionais nos programas de pós-graduação stricto sensu em educação física	Espírito-Santo <i>et al.</i>	2023	Educação e Pesquisa
"É preto, é bicha e que depende de ajuda de custo do clube": intersecções da diferença no contexto do esporte	Brito e Silva Junior	2022	Civitas - Revista de Ciências Sociais

Fonte: construção das autoras.

Apontamos que Dornelles e Pocahy (2014) e Auad e Corsino (2018) visam discutir as interseccionalidades no contexto da Educação Física escolar a partir de diferentes enfoques: o primeiro considerando as questões de gênero e sexualidade buscando entender como o corpo sofre pressões heteronormativas no interior da Bahia e o segundo considera as questões de gênero e a ação de alunas e docentes que buscam transgredir, a partir de práticas pedagógicas, com as tradições e expectativas dos arranjos de gênero polarizados e binários.

O trabalho de Gonçalves e Silva (2021) apresentam, a partir de uma revisão bibliográfica, uma discussão importante sobre os processos de exclusão tendo como base o que está posto nos currículos no que tange a valorização das identidades, referentes a questões de gênero e sexualidade. Percebemos que as discussões se aproximam da perspectiva inclusiva principalmente quando apontam a importância de pensarmos uma formação que valorize as diferenças presentes no ambiente educacional. Nesse sentido, Fonseca (2021) defende a importância formação docente na e para perspectiva inclusiva, não apenas em formar estudantes para lidar com as diferenças em suas ações futuras quando já formados fora do ambiente da universidade, mas se eles e elas são considerados enquanto seres singulares na sua própria graduação.





Propondo-nos a atentar as singularidades, quando refletimos sobre a Educação Física escolar mantemos esse mesmo viés, com intuito de entender as diferenças como vantagem pedagógica e não como sinônimo de desigualdades (Candau, 2020). Quando a formação docente tem como cerne a perspectiva inclusiva, facilita que o(a) professor(a) tenha uma percepção interseccional sobre as demandas que emergem no contexto escolar, tais práticas contribuem para um ambiente mais crítico, inclusivo e participativo.

Brito e Souza Junior (2022) se propõem a discutir as masculinidades em interseção com a sexualidade, raça e aspectos geracionais a partir da análise das narrativas de jogadores em categorias de base do voleibol. O artigo apresenta que esses atletas se sentem inferiorizados de acordo com suas características e conclui que a heteronormatividade e a branquitude ainda são consideradas como "normas" de ser homem.

Já Espírito-Santo *et al.* (2023) propõem discutir sobre as assimetrias de gênero, raça e as interseccionalidades presentes no acesso acadêmico e no corpo docente nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física no Brasil. Além disso, analisa se as linhas de pesquisa desses cursos envolvem as referidas temáticas. Os resultados mostram que a maioria (65,8%) dos pesquisadores são homens brancos e apenas uma mínima parte (0,52%) são mulheres negras. Ainda apontam que as bolsas de produtividade em pesquisa também estão em maioria entre homens brancos e amarelos e que produzem nas Ciências Biomédicas.

Analisar a Educação Física por essa perspectiva nos possibilita expandir o currículo, de forma a torná-lo mais vivo e significativo. A partir do que foi posto por esses artigos, pudemos entrelaçar as interseções de gênero, raça/cor, sexualidade e classe social o que está diretamente relacionado com o conceito amplo de inclusão aqui trabalhado, entendendo que esses marcadores atuam dinamicamente e dialeticamente na sociedade como força inclusiva/excludente.

A seguir, enfocaremos a categoria que contém artigos encontrados que dialogam com a área da saúde:

Quadro 3 – Saúde

Nome	Autores(as)	Ano	Revista
A interseção entre raça/cor e gênero, tabagismo e consumo excessivo de álcool: uma análise transversal da Pesquisa Nacional de Saúde, Brasil, 2013	Garcia <i>et al.</i>	2021	Cadernos de Saúde Pública





Obesidade e interseccionalidade: análise crítica de narrativas no âmbito das políticas públicas de saúde no Brasil (2004-2021)	Rodrigues, Miranda e Cabrini	2023	Cadernos de Saúde Pública
Normativizando o comer: análise crítica de guias alimentares brasileiros e espanhóis no contexto da pandemia de covid-19	Verthein e Gaspar	2021	Ciência & Saúde Coletiva
Interseccionalidade e violência contra as mulheres em tempos de pandemia de covid-19: diálogos e possibilidades	Barbosa <i>et al.</i>	2021	Saúde e Sociedade
O impacto da covid-19 em grupos marginalizados: contribuições da interseccionalidade como perspectiva teórico-política	Marques <i>et al.</i>	2021	Interface - Comunicação, Saúde, Educação
Justiça reprodutiva e gênero: desafios teórico-políticos acirrados pela pandemia de covid-19 no Brasil	Brandão e Cabral	2021	Interface - Comunicação, Saúde, Educação
Diversidade e diferença: desafios para a formação dos profissionais de saúde	Machin <i>et al.</i>	2022	Ciência & Saúde Coletiva
Diversidade humana e interseccionalidade: problematização na formação de profissionais da saúde	Almeida, França e Melo	2022	Interface - Comunicação, Saúde, Educação
30 anos após a intervenção no Anchieta, por onde andam os beneficiários do Programa de Volta Para Casa de Santos?	Massa e Moreira	2023	Saúde e Sociedade
Suicídio de mulheres no Brasil: necessária discussão sob a perspectiva de gênero Brasil	Dantas <i>et al.</i>	2023	Ciência & Saúde Coletiva
"Sapatão" é só para os íntimos: vínculo no cuidado de mulheres lésbicas e bissexuais	Pereira, Nasser e Chioro	2022	Interface - Comunicação, Saúde, Educação

Fonte: construção das autoras.

Dos artigos que elencamos nas discussões sobre saúde, Garcia *et al.* (2021) investigam se a interseção raça/cor/gênero está associada ao tabagismo e ao consumo excessivo de álcool em uma amostra da população brasileira e apontam que os resultados reforçam a necessidade de incluir os marcadores sociais da diferença nos estudos epidemiológicos. No mesmo caminho, Rodrigues, Miranda e Cabrini (2023) propõem um estudo qualitativo exploratório, documental e analítico a partir de documentos publicados pelo governo brasileiro, a fim de analisar as narrativas acerca das causas da obesidade e afirmam a necessidade de considerar as interseccionalidades gênero/sexo, raça/cor e classe social e suas formas de opressão como relevantes para a publicação desses documentos públicos.





Nas discussões sobre saúde, podemos também agrupar estudos que perpassam a pandemia da covid-19. Verthein e Gaspar (2021) se propõem a analisar quatro guias alimentares do Brasil e da Espanha, produzidos a partir da pandemia, considerando três eixos: o que é comer saudável, o lugar atribuído à multidimensionalidade do ato alimentar e a relevância da interseccionalidade gênero, raça, etnia e classe. Barbosa *et al.* (2021) discutem as relações entre a violência contra as mulheres e o isolamento social justificado pela pandemia, tencionando as interseções de raça, etnia, gênero e classe e as relacionando com o conceito amplo de saúde em suas inúmeras interfaces. Marques *et al.* (2021) apresenta um ensaio crítico abordando a interconexão entre os marcadores sociais da diferença (raça, gênero, classe) na produção de desigualdades sociais para grupos já marginalizados, agravados pela pandemia. Brandão e Cabral (2021) consideram as ações do poder público brasileiro frente aos direitos sexuais e reprodutivos durante a pandemia e utiliza a interseccionalidade como ferramenta de articulação e compreensão das desigualdades sociais.

Machin *et al.* (2022) e Almeida, França e Melo (2022) exploram a formação de profissionais de saúde. O primeiro discute a formação em medicina e psicologia, problematizando questões de diversidade e considerando a interseccionalidade como o referencial teórico político importante para essas discussões. O outro descreve uma estratégia pedagógica visando discutir a formação desses profissionais de maneira crítica a instigar que considerem questões relativas às diferenças, interseccionalidades de gênero/sexualidade, raça, etnia, idades, relações de poder e deficiência. Sendo até então o primeiro trabalho que trata da deficiência e do capacitismo como fator significativo a ser analisado nas condutas de saúde.

Por fim, Massa e Moreira (2023), Dantas *et al.* (2023) e Pereira, Nasser e Chioro (2022) apontam relações entre a saúde e as ciências sociais de maneira mais próxima. Respectivamente, um dispõe-se a identificar o perfil de beneficiários de um programa que promove a desinstitucionalização da Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde e constatou que os marcadores sociais raça/cor estão mais associados a internações mais longas. Outro versa sobre o suicídio como problema de saúde pública, num ensaio teórico que, mesmo num tema de grande complexidade, sinaliza as desigualdades de gênero abordando a questão da interseccionalidade a partir de uma visão protetiva. O último analisa as dificuldades do reconhecimento das necessidades de saúde de mulheres lésbicas e bissexuais, afirmando que além da sexualidade, outros marcadores sociais da diferença, como raça/cor e classe social





atuam como potencializadores de exclusões e ao mesmo tempo, que a participação em movimentos sociais aprimora sua reivindicação por direitos.

Esses artigos, cada um à sua maneira, tomam a interseccionalidade como um aparato teórico que fundamenta discussões recentes sobre os marcadores sociais da diferença. Nos casos aqui apresentados, em sua maioria, indicam que os marcadores de raça, cor e gênero são os mais debatidos e por vezes os mais atingidos pelas desigualdades sociais. Nesse contexto, Fonseca e Brito (2021, p. 73) destacam que "esses grupos sociais não são inferiores, são inferiorizados; não são subalternos, são subalternizados por pensamentos, políticas e ações eugênicas. Além disso, muitas vezes não são minorias, mas são minorizadas".

No quadro 4, agregamos artigos que compõem a categoria dialogando sobre a temática da Educação:

Quadro 4 – Educação

Nome	Autores(as)	Ano	Revista
Não fala o nome dele, senão ele vai aparecer aqui': interseccionalidade e performance em narrativas de crianças pequenas	Hartmann; Vieira	2023	Revista Brasileira de Estudos da Presença
Marcadores sociais da diferença na experiência escolar de jovens estudantes negras	Soares; Bonetti	2021	Civitas - Revista de Ciências Sociais
Expectativas dos professores e <i>mismatch</i> racial na escola pública brasileira	Vieira	2018	Cadernos de Pesquisa
O papel do Ciência Sem Fronteiras na inclusão social: análise interseccional do perfil dos beneficiários do programa na Unicamp	Feltrin, Santos e Velho	2021	Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)
Estudos e pesquisas sobre educação, raça, gênero, e diversidade sexual	Gomes	2023	Educação & Sociedade
As marcas de cor/raça no ensino médio e seus efeitos na educação superior brasileira	Artes e Unbehau	2021	Educação e Pesquisa

Fonte: construção das autoras.

Nessa seção específica, é importante destacar que a maioria dos estudos dialogam sobre interseções em esferas públicas da Educação (Hartmann; Vieira, 2023; Soares; Bonetti, 2021; Vieira, 2018; Feltrin; Santos; Velho, 2021), desde a Educação Básica ao Ensino Superior. As interseccionalidades entre racialidade, gênero, classe social e religiosidade, de acordo com os(as) autores(as), parecem emergir cotidianamente do chão da escola, em decorrência da





presença de diversas pessoas, com diferentes corpos, trajetórias e atravessamentos que formam o ambiente educacional. Dessa forma, reconhecemos a Educação enquanto direito em todas as instâncias, que estão também presentes nas legislações de ações afirmativas (Brasil, 2023) colaborando para a democratização desses espaços.

No entanto, as condições somente de acesso não são os únicos motivadores de preconceitos. Apesar dos diversos corpos ocupando as universidades, Feltrin, Santos e Velho (2021, p.288), evidenciam que o perfil dos estudantes que acessam o programa Ciência sem Fronteiras para intercâmbios acadêmicos ainda é composto majoritariamente por “homens, brancos oriundos de escola particular no ensino médio, não beneficiários do Programa de Ação Afirmativa para Inclusão Social e sem necessidades especiais”, no artigo utilizadas como sinônimo de deficiência. Dessa forma, nos apoiamos em Sawaia (2022) ao destacar o caráter complexo e multifacetado dos processos de inclusão e exclusão. Estes não são motivados por um único fator, mas são produtos do sistema machista, elitista, patriarcal, racista e capacitista que nos invisibiliza cotidianamente, nos convencendo que não temos que ocupar espaços que também são nossos por direito.

Ademais, é possível perceber a partir do quadro 4, que a maioria desses artigos está datado dos últimos 6 anos. Gomes (2023) corrobora essa percepção, ao evidenciar no seu artigo a inauguração de uma nova seção de Educação, raça, gênero e diversidade sexual no periódico Educação & Sociedade, evidenciando a potência da abordagem interseccional das questões das desigualdades econômicas e sociais, das discriminações e da violência e dos seus impactos na educação. Dessa forma, apesar das discussões acerca da interseccionalidade terem emergido dos movimentos sociais, ela também tem sido pauta dos ambientes acadêmicos (Collins; Bilge, 2021).

Outro ponto interessante dessa seção, se configura no fato da maioria desses artigos abordarem majoritariamente as intersecções entre raça e gênero (Hartmann; Vieira, 2023; Soares; Bonetti, 2021; Vieira, 2018; Feltrin; Santos; Velho, 2021; Gomes, 2023; Artes; Unbehau, 2021). Sobre o conceito de interseccionalidade Collins e Bilge (2021, p. 15-16) afirmam que apesar de ter surgido a partir de movimentos sociais de mulheres negras, como ferramenta analítica, ela considera “as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária - entre outras”. Essa ampliação do conceito de interseccionalidade está de acordo com a ampliação do conceito de inclusão aqui exposto. (Sawaia, 2022; Booth; Ainscow, 2012; Santos; Fonseca; Melo, 2009). Ao falar de situações de





inclusão e exclusão, elas não são motivadas por um único fator mas por vários deles entrelaçados.

Por fim, é importante ressaltar que Artes e Unbehaum (2021) fazem articulação entre a educação básica e o ensino superior, mas até mesmo quando essa articulação não é realizada de maneira explícita, percebemos aproximações. Pensar um olhar singular para as intersecções e os processos de inclusão/exclusão que emergem cotidianamente no chão da escola, é pensar o processo de formação de professores(as) ao mesmo tempo que se atenta às singularidades de cada um(a) desses(as) indivíduos que estão se formando (Fonseca, 2021).

No decorrer da busca também identificamos alguns trabalhos que não dialogam diretamente com a área Educação Física, Educação e Saúde, entretanto encaminham importantes discussões sobre interseccionalidade. Estes foram congregados no quadro 6, compondo a categoria a seguir:

Quadro 6 – Outros entrelaçamentos

Nome	Autores(as)	Ano	Revista
Docência do direito: fragmentação institucional, gênero e interseccionalidade	Bonelli	2017	Cadernos de Pesquisa
Locais de mercado, diversidade e exclusão interseccional à sexualidade e gênero	Dalpian e Silveira	2020	Cadernos EBAPE.BR
Travestis e Transexuais na Reportagem Especial do Fantástico: as Unidades Prisionais Masculinas não são o "Show da Vida"	Bidarte, Canto e Rodrigues	2023	Organizações & Sociedade
A via-crúcis de Jonas no Sertão da Paraíba: interseccionalidade, diferença e o Brasil atual	Martinho	2022	Cadernos Pagu
Quais políticas, quais sujeitos? Sentidos da promoção da igualdade de gênero e raça no Brasil (2003 - 2015)	Aguião	2017	Cadernos Pagu
Efeitos da raça/cor e gênero da pesquisadora ou do pesquisador na pesquisa empírica: impactos na classificação racial de respondentes de um survey	Pereira e Siqueira	2022	Sociologias
As mortes de Matheusa em uma notícia do Estadão: estudos interseccionais sobre preconceito, discriminação e violência física em relação à diversidade de gêneros	Ferraz, Tomazi e Sessa	2019	Revista Brasileira de Linguística Aplicada
"Da Igreja à luta": trajetórias políticas de mulheres agricultoras do Sudoeste do Paraná	Santos, Wedig e Corona	2021	Revista Estudos Feministas
Dilemas do feminismo e a possibilidade de radicalização da democracia em meio às diferenças O caso da Marcha das Vadias do Rio de Janeiro Facebook Twitter	Ribeiro, O'Dwyer e Heilborn	2018	Civitas - Revista de Ciências Sociais





Inclusão da Interseccionalidade no âmbito dos Direitos Humanos (gênero, raça e mulheres)	Stelzer e Kyrillos	2021	Revista Direito e Práxis
Gênero, Raça e Diversidade: Trajetórias Profissionais de Executivas Negras Gênero, Raça e Diversidade: Trajetórias Profissionais de Executivas Negras	Coelho Junior e Hein	2021	Organizações & Sociedade
Reflexões sobre o uso de álcool entre jovens quilombolas	Silva e Menezes	2016	Psicologia & Sociedade
Identidade quilombola: atuações no cotidiano de mulheres quilombolas no agreste de alagoas	Fernandes, Galindo e Valencia	2020	Psicologia em Estudo
Autoafirmação racial de jovens negras no projeto Abaeté Criolo: caminhos para a equidade de gênero e de raça em contextos interseccionais a partir da Lei n. 10.639/2003	Oliveira e Costa	2022	Revista Direito GV
Vozes Carolinas: um olhar interseccional sobre memórias e narrativas de mulheres negras	Neves <i>et al.</i>	2023	Psicologia e Sociedade
Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes	Moutinho	2014	Cadernos pagu
Análises Interseccionais a Partir da Raça e da Classe: Medo do Crime e Autoritarismo no Brasil	Lavor Filho <i>et al.</i>	2018	Psicologia: Ciência e Profissão
Análise psicossocial do processo migratório de haitianos(as) ao Brasil: uma perspectiva interseccional de raça-etnia, gênero e idade	Gil e Pizzinato	2023	REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana
Mulheres-mães em situação de violência doméstica e familiar no contexto do acolhimento institucional de seus(as) filhos(as): o paradoxo da proteção integral.	Cleto, Covolan e Signorelli	2019	Saúde e Sociedade
Inclusão e Diversidade na Administração: manifesta para o Futuro-Presente	Teixeira <i>et al.</i>	2021	Revista de Administração de Empresas
Diferenças e interseccionalidades nas organizações: análise das representações de líderes nos filmes amor sem escalas, o diabo veste prada e um senhor estagiário (classe, gênero, raça/etnia, sexualidade e geração)	Ferreira <i>et al.</i>	2020	REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)
Deficiência na cabeça: convite para um debate com diferença	Lopes	2022	Horizontes Antropológicos
Novos diálogos dos estudos feministas da deficiência	Gomes, Lopes e Toneli	2019	Revista de Estudos Feministas
Artigo-Parecer: Educação para as relações Étnico-Raciais: um ensaio sobre alteridades subalternizadas nas ciências físicas	Rosa	2023	Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)

Fonte: construção das autoras.





O quadro anterior suscita reflexões importantes sobre como outras áreas (Cinema, Física, Direito, Psicologia, Ciências sociais, Políticas Públicas e Linguística) abordam o conceito de interseccionalidade, tendo em vista os marcadores sociais das diferenças. gênero, raça, etnia, classe social, deficiência, idade e sexualidade.

Os trabalhos de Bonelli (2018) e Dalpian e Silveira (2020) apresentam como ponto de discussão a perspectiva interseccional no mercado de trabalho e as situações de exclusão em relação à sexualidade e gênero. Atendendo essa lógica, Bidarte, Canto e Rodrigues (2023) objetivou analisar como pessoas trans enfrentam o preconceito, o abandono, a violência e a solidão, dialogando com a interseccionalidade ao destacar marcadores sociais da diferença de gênero, classe e sexualidade como pontos de reflexão para pensar a vida dessas pessoas em seus contextos sociais e no mercado de trabalho.

O estudo de Martinho (2022) também apresentou uma discussão sobre gênero, sexualidade e classe narrando a história de vida de Jonas, apresentando informações a respeito do Grupo Fórum LGBT Catolé e das vidas de pessoas gays, lésbicas, travestis e transexuais em uma localidade do Brasil profundo. Aguião (2017), aponta a importância de refletir a respeito da coprodução e da reprodução de sentidos que a transversalidade de gênero e raça e a perspectiva interseccional adquirem no desenho de políticas públicas e também sobre as dinâmicas de fabricação de sujeitos e direitos.

Pereira e Siqueira (2022), investigaram os impactos gerados pela raça/cor ou o gênero da pessoa pesquisadora, ou seja, verificaram se há diferenças consistentes nos resultados obtidos por agentes entrevistadores de distintos grupos raciais e de gênero ao abordarem a questão da raça junto aos grupos raciais negro e branco.

Ferraz, Tomazi e Sessa (2019) problematizam as mortes física e simbólica, de Matheusa, mulher/homem trans não binária, anunciadas em uma notícia do jornal O Estado de São Paulo, em 2018, analisando a narrativa da mídia sobre essa questão e os entrelaçamentos com a interseccionalidade com enfoque em gênero, classe e raça. Os artigos de Santos, Wedig e Corona (2021) e Ribeiro, O'Dwyer e Heilborn (2018) discutem a relação de igualdade de gênero, trajetória de mulheres no que tange aos direitos garantidos e as dinâmicas políticas pela ótica interseccional de gênero, raça e classe.

Alguns estudos trazem à tona racialidade com outros marcadores, (Stelzer; Kyrillos 2021; Coelho Junior; Hein, 2021) colocam como cerne da discussão mulheres negras e os marcadores sociais de classe, racialidade e gênero. Stelzer e Kyrillos (2021) aprofundam a





questão pela ótica dos direitos humanos e como as mulheres negras são consideradas na sociedade, já o artigo de Coelho Junior e Hein (2021) apresenta um panorama sobre mulheres negras no mercado de trabalho enfatizando como o racismo, o patriarcado e as opressões de classe se reproduzem nesse ambiente.

Silva e Menezes (2016) apresentam como objetivo investigar os significados do uso de álcool entre os(as) jovens de duas comunidades quilombolas Castainho e Estivas localizadas em Garanhuns/PE e identificaram poucas atividades de lazer, as relações de gênero e o preconceito sofrido por serem negros(as) e/ou quilombolas são situações que de modo interseccionado repercutem no uso de álcool e que revelam desigualdades históricas que comprometem a qualidade de vida dessa população.

Fernandes, Galindo e Valencia (2020) buscaram analisar a atuação da identidade quilombola no cotidiano de mulheres de um quilombo do agreste de Alagoas, como forma de acompanhar os desafios diários vivenciados por essas mulheres. Como resultado, os(as) autores identificaram que as mulheres permitiram compreender o quilombo como lugar de afirmação de seus modos de vida enquanto mulher negra, bem como o espaço de reprodução de lógicas de opressão frente à interseccionalidade dos marcadores étnico-raciais e de gênero.

Nessa perspectiva, Oliveira e Costa (2022) objetivou investigar como as alunas participantes do projeto manifestam suas identidades raciais, bem como a contribuição do Abaeté Criolo no processo de formação e autoafirmação de suas identidades. Embora o texto apresente uma discussão ampla sobre raça, percebemos que toda discussão é permeada pelos marcadores de classe, gênero e idade.

A pesquisa de Neves *et al.* (2023) discute a importância da inclusão de autoras negras em produções da Psicologia enquanto um estudo de produção de memória e ciência. Nesse sentido, Moutinho (2014) também analisa as produções científicas recentes de forma mais ampliada, em ambos estudos identificamos uma potente discussão interseccionando os marcadores de gênero, classe e raça.

Lavor Filho *et al.* (2018) a partir de uma análise interseccional quantitativa, apresentaram em que medida os marcadores de raça/classe interferem no medo do crime e no autoritarismo em contexto brasileiro. Nesse contexto, Gil e Pizzinato (2023), analisaram as experiências psicossociais dos processos migratórios de haitianos e haitianas ao sul do Brasil, sobretudo por uma perspectiva interseccional de raça/etnia, gênero e idade.





Cleto, Covolan e Signorelli (2019) também se propuseram a investigar a realidade de mulheres-mães que se encontram em situação de vulnerabilidade e/ou violência doméstica e familiar no contexto do acolhimento institucional de seus(as) filhos(as) por medida de proteção, bem como os principais desafios para a rede de apoio e atendimento. O estudo traz para cerne da discussão diversos marcadores sociais da diferença que atravessam o cotidiano dessas mulheres tais como, gênero, classe e idade. O artigo-parecer de Rosa (2023) apresenta uma contribuição da educação para as relações étnico-raciais por meio de uma discussão que se soma à crescente, embora ainda tímida, produção no campo da educação e da divulgação em ciência decolonial e antirracista. Percebemos também que a autora se preocupa em fomentar reflexões entrelaçando o gênero, classe e raça.

Ressaltamos que, embora os artigos mencionados anteriormente apresentem discussões sobre marcadores sociais específicos, enfatizamos que Teixeira *et al.* (2021) e Ferreira *et al.* (2020) também problematizam os marcadores sociais das diferenças em intersecção, contudo, no escopo do texto os(as) autores(as) sinalizam a importância de refletir que somos atravessados não apenas por um ou dois marcadores e sim por muitas diferenças que nos constituem enquanto seres singulares. Akotirene (2018 p. 28) aponta uma importante reflexão sobre essas questões e salienta que “não existe hierarquia de opressão, Identidades sobressaltam aos olhos ocidentais, mas a interseccionalidade se refere ao que faremos politicamente com a matriz de opressão responsável por produzir diferenças, depois de enxergá-las como identidades”.

Diante de todos os estudos analisados nessa categoria, apenas dois trabalhos apresentavam a deficiência como um marcador social. Lopes (2022) sinaliza a importância de entender a deficiência como um marcador social das diferenças para compreender as realidades vividas e reconhecer as diversas formas de opressão e subalternização que essas pessoas enfrentam. Já Gomes, Lopes e Toneli (2019) objetivaram caracterizar a produção recente dos estudos feministas da deficiência, com o foco na intersecção entre gênero e deficiência.

Ressaltamos que é fundamental compreender que a pessoa com deficiência é também atravessada por diversos marcadores sociais da diferença e que ainda é pouco visibilizada em estudos interseccionais. Fonseca (2022, p.119) propõe a reflexão de uma percepção:





sobre e com as pessoas com deficiência, não somente como um ser encerrado em si sem considerar aspectos estruturais que obstam sua participação ativa, mas também atravessado por diversos marcadores sociais da diferença, valorizando sua singularidade e não reforçando desigualdades.

Assim como em outras discussões, a deficiência também se intersecciona com as questões de gênero, raça, etnia, sexualidade, classe social, aspectos geracionais. Perceber essa complexa relação interseccional não apenas influencia as experiências individuais, mas também a forma como políticas públicas e as relações sociais são configuradas para as pessoas com deficiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo objetivamos mapear as produções que articulam inclusão, interseccionalidade e marcadores sociais da diferença e quais ênfases apresentam, especialmente na área da Educação Física, porém nos permitimos olhar também para quais outras áreas têm se preocupado com essas relações em suas pesquisas. A partir de tal objetivo, o presente artigo é parte do que temos buscado também em outras bases de dados, porém, nesse recorte, as buscas foram feitas no *Scielo*.

De 46 produções encontradas, diversos marcadores sociais da diferença aparecem em interseção, mas sobretudo, notamos ênfases em gênero, raça e classe. Isso talvez se dê pela origem da interseccionalidade pela luta de mulheres negras (Collins; Bilge, 2021). As discussões sobre as interseccionalidades de gênero, raça e classe também são caras ao conceito ampliado de inclusão que nos embasamos, já que buscamos contemplar as diversas formas de ser e estar no mundo considerando-as como potencialidades, ainda que em muitos momentos, esses corpos sofram pressões excludentes, porém, é importante assinalar que apenas 3 produções citam deficiência como um marcador social da diferença (Almeida; França; Melo, 2022; Lopes, 2022 e Gomes; Lopes; Toneli, 2019).

Historicamente, a inclusão está associada com deficiência (Fonseca; Silva, 2010). Jucá e Maldonado (2024) recentemente constataram que essa associação também se apresenta nas produções científicas no campo da Educação Física. Nossa intenção, ao articular inclusão, interseccionalidade e marcadores sociais da diferença é refletir sobre os processos de inclusão/ exclusão que se sucedem cotidianamente na sociedade, nas escolas e também na Educação Física escolar, não as percebendo de modo compartimentalizado, mas interseccional em múltiplos sentidos.





Os dados também nos mostraram, nesse recorte, menos trabalhos com enfoque interseccional na pesquisa em Educação Física, comparado a outras áreas e nenhum que articule com a noção de inclusão ampliada.

Espírito-Santo *et al.* (2023) e Feltrin, Santos e Velho (2021) constatarem em seus dados que homens brancos ainda são destaque em programas de intercâmbio e na docência das pós-graduações, dados que reforçam a manutenção dessa intersecção como maioria em lugares de poder e privilégio na sociedade. Nossos próximos passos também desejam investigar quem são os(as) autores(as) que se debruçam sobre esses temas. Essas interseções são alvo das preocupações nas pesquisas e também atravessam os corpos dessas pessoas pesquisadoras?

Refletimos que 46 produções, apesar de pouco para um recorte de 10 anos em uma base de dados, representa um número importante por demonstrar preocupação com um tema candente socialmente, especialmente porque notamos um crescimento de produções com essas temáticas de 2018 até 2023. Seguiremos refletindo sobre a articulação desses temas em outras bases de dados objetivando evidenciar essas pesquisas que se debruçam sobre demandas sociais relevantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUAD, Daniela; CORSINO, Luciano. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar. **Revista estudos feministas**, v. 26, n.1, p. 1-13, 2018.

ALMEIDA, Ana; FRANÇA, Luara; MELO, Anna. Diversidade humana e interseccionalidade: problematização na formação de profissionais da saúde. **Interface-comunicação, saúde, educação**, v. 25, p. 1-12, 2021.

ARTES, Amélia; UNBEHAUM, Sandra. As marcas de cor/raça no ensino médio e seus efeitos na educação superior brasileira. **Educação e pesquisa**, v. 47, p. 1-23, 2021.

AGUIÃO, Sílvia. Quais políticas, quais sujeitos? Sentidos da promoção da igualdade de gênero e raça no Brasil (2003-2015). **Cadernos Pagu**, n. 51, p. 1-13, 2017.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

BARBOSA, Jeanine *et al.* Interseccionalidade e violência contra as mulheres em tempos de pandemia de covid-19: diálogos e possibilidades. **Saúde e sociedade**, v. 30, n. 2, p. 1-13, 2021.





BIDARTE, Marcos; CANTO, Lucas; RODRIGUES, Maria. Travestis e transexuais na reportagem especial do Fantástico: as unidades prisionais masculinas não são o “show da vida”. **Organizações & sociedade**, v. 30, p. 45-75, 2023.

BOOTH, Tony; AINSCOW, Mel. **Index para a inclusão**. Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. Rio de Janeiro: LaPEADE, 2012.

BONELLI, Maria da Gloria. Docência do direito: fragmentação institucional, gênero e interseccionalidade. **Cadernos de pesquisa**, v. 47, n. 163, p. 94-120, 2017.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-376, 2006.

BRANDÃO, Elaine; CABRAL, Cristiane. Justiça reprodutiva e gênero: desafios teórico-políticos acirrados pela pandemia de covid-19 no Brasil. **Interface-comunicação, saúde, educação**, v. 25, p. 1-16, 2021.

BRASIL. **Lei nº 14.723, de 13 de novembro de 2023**. Presidência da República. Brasília, DF, 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Presidência da República. Brasília, DF, 2012.

BRITO, Leandro Teofilo de; DA SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço. “É preto, é bicha e que depende de ajuda de custo do clube”: intersecções da diferença no contexto do esporte. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 22, p. 1-10, 2022.

CANDAU, Vera. Didática, Interculturalidade e Formação de professores: desafios atuais. **Cocar**, n. 8, p. 28-44, 2020.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil**: a história que não se conta. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.

COELHO JÚNIOR, Pedro Jaime; HEIN, Audrey. Gênero, raça e diversidade: trajetórias profissionais de executivas negras. **Organizações & sociedade**, v. 28, p. 265-293, 2021.

COLLINS, Patricia Hill.; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CLETO, Mirna; COVOLAN, Nadia; SIGNORELLI, Marcos Claudio. Mulheres-mães em situação de violência doméstica e familiar no contexto do acolhimento institucional de seus (as) filhos (as): o paradoxo da proteção integral. **Saúde e sociedade**, v. 28, p. 157-170, 2019.

DALPIAN, Paulo Roberto Chaves; SILVEIRA, Teniza da. Locais de mercado, diversidade e exclusão interseccional. **Cadernos ebape.br**, v. 18, n. 2, p. 377-390, 2020.

DANTAS, Eder *et al.* Suicídio de mulheres no Brasil: necessária discussão sob a perspectiva de gênero. **Ciência & saúde coletiva**, v. 28, n. 5, p. 1469-1477, 2023.





DORNELLES, Priscila Gomes; POCAHY, Fernando Altair. "Prendam suas bezerras que o meu garrote está solto!" Interseccionando gênero, sexualidade e lugar nos modos de subjetivação regionais. **Educar em revista**, ed. esp., n. 1, p. 117-133, 2014

ESPÍRITO-SANTO, Giannina do *et al.* Desigualdades interseccionais nos programas de pós-graduação stricto sensu em educação física. **Educação e pesquisa**, v. 49, p. 1-18, 2023.

FELTRIN, Rebeca; SANTOS, Diego; VELHO, Lea. O papel do Ciência Sem Fronteiras na inclusão social: análise interseccional do perfil dos beneficiários do programa na Unicamp. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 26, n. 1, p. 288-314, 2021.

FERNANDES, Saulo; GALINDO, Dolores; VALENCIA, Liliana. Identidade quilombola: atuações no cotidiano de mulheres quilombolas no agreste de Alagoas. **Psicologia em estudo**, v. 25, p. 1-15, 2020.

FERRAZ, Daniel; TOMAZI, Micheline; SESSA, Ariel. As mortes de Matheusa em uma notícia do Estadão: estudos interseccionais sobre preconceito, discriminação e violência física em relação à diversidade de gêneros. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 19, n. 4, p. 927-958, 2019.

FERREIRA, Andreza *et al.* Diferenças e interseccionalidades nas organizações: análise das representações de líderes nos filmes *amor sem escalas*, *o diabo veste prada* e *um senhor estagiário*. **Revista eletrônica de administração**, v. 26, p. 819-850, 2021.

FONSECA, Michele Pereira de Souza da.; BRITO, Leandro Teófilo de. Por uma perspectiva inclusiva na Educação Física escolar. In: CARVALHO, Rosa Malena de Araújo; PALMA, Alexandre; CAVALCANTI André dos Santos Souza (Org.). **Educação física, soberania popular, ciência e vida**. Niterói, RJ: Intertexto, 2022.

FONSECA, Michele Pereira de Souza da. Formação Docente em educação física na e para perspectiva inclusiva: reflexões sobre Brasil e Portugal, **Revista Aleph**, p. 42-74, 2021.

FONSECA, Michele Pereira de Souza da. Os preconceitos (re)produzidos pela/na escola e a Educação Física escolar: um debate urgente! **Temas em educação física escolar**, v. 8, p. 1-20, 2023.

GARCIA, Gisseila *et al.* A interseção entre raça/cor e gênero, tabagismo e consumo excessivo de álcool: uma análise transversal da Pesquisa Nacional de Saúde, Brasil, 2013. **Cadernos de saúde pública**, v. 37, p. 1-13, 2021.

GIL, Pedro; PIZZINATO, Adolfo. Análise psicossocial do processo migratório de haitianos (as) ao Brasil: uma perspectiva interseccional de raça-etnia, gênero e idade. **Revista interdisciplinar da mobilidade humana**, v. 31, n. 68, p. 165-183, 2023.

GOMES, Nilma Lino. Estudos e pesquisas sobre educação, raça, gênero, e diversidade sexual. **Educação & sociedade**, v. 44, p. 1-8, 2023.





GOMES, Ruthie; LOPES, Paula; GESSER, Marivete. Novos diálogos dos estudos feministas da deficiência. **Revista estudos feministas**, v. 27, n. 1, p. 1-14, 2019.

GONÇALVES, Carlos Henrique Rego; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. Transidentidades para uma educação física acolhedora. **Movimento**, v. 27, p. 1-19, 2021

HARTMANN, Luciana; VIEIRA, Débora Cristina. 'Não fala o nome dele, senão ele vai aparecer aqui': interseccionalidade e performance em narrativas de crianças pequenas. **Revista brasileira de estudos da presença**, v. 13, n. 1, p. 1-23, 2022.

KUNZ, Elenor. **Educação física: ensino e mudança**. Ijuí, RS: Unijuí, 1991.

KYRILLOS, Gabriela. Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade. **Revista estudos feministas**, v. 28, n. 1, p. 1-12, 2020.

LAVOR FILHO, Tadeu *et al.* Análises interseccionais a partir da raça e da classe: medo do crime e autoritarismo no Brasil. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 38, p. 223-237, 2018.

LOPES, Pedro. Deficiência na cabeça: convite para um debate com diferença. **Horizontes antropológicos**, v. 28, p. 297-330, 2022.

MACHIN, Rosana *et al.* Diversidade e diferença: desafios para a formação dos profissionais de saúde. **Ciência & saúde coletiva**, v. 27, n. 10, p. 3797-3806, 2022.

MALDONADO, Daniel Teixeira.; PRODÓCIMO, Elaine. Por uma epistemologia crítico-libertadora da educação física escolar. **Revista brasileira de educação física escolar**, v. 3, p. 6-23, 2022.

MARTINS, Heloisa. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

MARQUES, Ana *et al.* O impacto da covid-19 em grupos marginalizados: contribuições da interseccionalidade como perspectiva teórico-política. **Interface-comunicação, saúde, educação**, v. 25, p. 1-18, 2021.

MASSA, Paula; MOREIRA, Maria. 30 anos após a intervenção no Anchieta, por onde andam os beneficiários do Programa de Volta Para Casa de Santos? **Saúde e sociedade**, v. 32, n. 3, p. 1-11, 2023.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. 3. reimp. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016.

MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. **Cadernos Pagu**, v. 42, p. 201-248, 2014.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Farias. As possibilidades de emergência do currículo cultural da Educação Física: contribuições do grupo de pesquisas em educação física escolar





da FEUSP (GPEF). In: MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline; FARIAS, Uriá de Siqueira (Orgs.). **Os professores como intelectuais**: novas perspectivas didático-pedagógicas na educação física brasileira. Curitiba, PR: CRV, 2018.

NEVES, Tatiana; OLIVEIRA, Geovana; MACEDO, Stefanie; LIMA, Aluísio. Vozes carolinas: um olhar interseccional sobre memórias e narrativas de mulheres negras. **Psicologia & sociedade**, v. 35, p. 1-18, 2023.

OLIVEIRA, David; COSTA, Thalita. Autoafirmação racial de jovens negras no projeto Abaeté Criolo: caminhos para a equidade de gênero e de raça em contextos interseccionais a partir da Lei n. 10.639/2003. **Revista direito GV**, v. 1, p. 1-21, 2022.

PAULINO, Danilo; PONTES, Júlia; RODRIGUES, Raphaela. Diversidade e diferença: desafios para a formação dos profissionais de saúde. **Revista brasileira de educação médica**, v. 44, n. 3, p. 134-142, 2020.

PEREIRA, Amanda; NASSER, Mariana; CHIORO, Arthur. "Sapatão" é só para os íntimos: vínculo no cuidado de mulheres lésbicas e bissexuais. **Interface-comunicação, saúde, educação**, v. 26, p. 1-18, 2022.

PEREIRA, Bruna; SIQUEIRA, João. Efeitos da raça/cor e gênero da pesquisadora ou do pesquisador na pesquisa empírica: impactos na classificação racial de respondentes de um survey. **Sociologias**, v. 24, n. 60, p. 302-329, 2022.

RIBEIRO, Letícia; O'DWYER, Brena; HEILBORN, Maria Luiza. Dilemas do feminismo e a possibilidade de radicalização da democracia em meio às diferenças: O caso da Marcha das Vadias do Rio de Janeiro. **Civitas-revista de ciências sociais**, v. 18, n. 1, p. 83-99, 2018.

RODRIGUES, Lorrany; MIRANDA, Nayara; CABRINI, Danielle. Obesidade e interseccionalidade: análise crítica de narrativas no âmbito das políticas públicas de saúde no Brasil (2004-2021). **Cadernos de saúde pública**, v. 39, p. 1-14, 2023.

ROSA, Katemari. Artigo-parecer: educação para as relações étnico-raciais: um ensaio sobre alteridades subalternizadas nas ciências físicas. **Ensaio pesquisa em educação em ciências**, v. 25, p. 1-12, 2023.

STELZER, Joana; KYRILLOS, Gabriela M. Inclusão da Interseccionalidade no âmbito dos direitos humanos. **Revista direito e práxis**, v. 12, n. 1, p. 237-262, 2021.

SANTOS, Aline; WEDIG, Josiane; CORONA, Hieda. "Da Igreja à luta": trajetórias políticas de mulheres agricultoras do Sudoeste do Paraná. **Revista estudos feministas**, v. 29, p. 1-13, 2021.

SANTOS, Mônica; FONSECA, Michele; MELO, Sandra. **Inclusão em educação**: diferentes interfaces. Curitiba, PR: CRV, 2009.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.





SANTOS, Marcio *et al.* Estado da arte: aspectos históricos e fundamentos teórico-metodológicos. **Revista pesquisa qualitativa**, v.8, n. 17, p. 202-220, 2020.

SILVA, Roseane; MENEZES, Jaileila. Reflexões sobre o uso de álcool entre jovens quilombolas. **Psicologia & sociedade**, v. 28, p. 84-93, 2016.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, Cristiane; BONETTI, Alinne. Marcadores sociais da diferença na experiência escolar de jovens estudantes negras. **Civitas-revista de ciências sociais**, v. 21, n. 3, p. 370-379, 2021.

TEIXEIRA, Juliana *et al.* Inclusão e diversidade na administração: manifesta para o futuro-presente. **Revista de administração de empresas**, v. 61, p. 1-11, 2021.

TOTA, Martinho. A via-crúcis de Jonas no Sertão da Paraíba: interseccionalidade, diferença e o Brasil atual. **Cadernos Pagu**, v. 62, p. 1-17, 2021.

VIEIRA, André. Expectativas dos professores e mismatch racial na escola pública brasileira. **Cadernos de pesquisa**, v. 48, p. 412-445, 2018.

VERTHEIN, Ursula; GASPAR, Maria. Normativizando o comer: análise crítica de guias alimentares brasileiros e espanhóis no contexto da pandemia de covid-19. **Ciência & saúde coletiva**, v. 26, p. 1429-1440, 2021.

ZAMBONI, Marcio. Marcadores sociais da diferença. *sociologia: grandes temas do conhecimento*. **Sociologia**, v. 1, p. 13 - 18, 2014.

Dados da primeira autora:

Email: michelepsf22@gmail.com

Endereço: Avenida Carlos Chagas Filho, 540, Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 21941-599, Brasil.

Recebido em: 01/07/2024

Aprovado em: 01/08/2024

Como citar este artigo:

FONSECA, Michele Pereira de Souza da *et al.* Inclusão, interseccionalidade e marcadores sociais da diferença: o que dizem as pesquisas? **Corpoconsciência**, v. 28, e17978, p. 1-23, 2024.

